

□ Tempo de leitura: 11 min.

Francisco nasceu em 21 de agosto de 1567 no Castelo de Sales, em Thorens, perto de Annecy, na Saboia, em uma paisagem de montanhas e vales campestres.

O pai de Francisco era um homem leal, cavalheiresco, generoso e, ao mesmo tempo, emotivo e impulsivo. Em virtude de sua sabedoria e senso de justiça, ele era frequentemente escolhido como árbitro em disputas e julgamentos. Ele também era muito acolhedor com os pobres da vizinhança, a ponto de dar sua sopa a um homem pobre em vez de mandá-lo mendigar. Santa Joana de Chantal desenhou este admirável retrato de Francisca, sua mãe:

Era uma das damas mais notáveis de sua época. Era dotada de uma alma nobre e generosa, mas pura, inocente e simples, como uma verdadeira mãe e nutriz dos pobres. Era modesta, humilde e bem-humorada com todos, muito tranquila em sua casa; governava sua família com sabedoria, preocupada em fazê-la viver no temor de Deus.

Quando nasceu Francisco, seu filho mais velho, ela tinha apenas quinze anos de idade, enquanto o marido tinha mais de quarenta. Essa diferença de idade não era incomum na época, especialmente entre os nobres, pois o casamento era considerado, antes de tudo, uma aliança entre duas famílias com o objetivo de ter filhos e aumentar suas terras e títulos. O sentimento contava pouco naquela época, o que não impediu que essa união aparentemente mal combinada se tornasse sólida e feliz.

A maternidade se anunciava como particularmente difícil. A futura mãe rezava diante do Santo Sudário, então guardado em Chambéry, capital da Saboia. Francisco veio ao mundo dois meses antes de sua data natural de nascimento e, temendo por sua sobrevivência, foi rapidamente batizado.

Em Francisco, o filho mais velho, estavam depositadas todas as esperanças de seu pai, que previa uma carreira de prestígio para ele a serviço de seu país. Esse projeto seria uma fonte de dificuldades durante toda a sua juventude, marcada por uma tensão entre a obediência ao pai e sua própria vocação particular.

Os primeiros seis anos (1567-1573)

Quando o pequeno Francisco nasceu, sua jovem mãe não conseguiu amamentá-lo e recorreu a uma camponesa da aldeia. Três meses depois, sua madrinha, que era sua avó materna, cuidou dele por algum tempo.

“Minha mãe e eu”, ele escreveria um dia, “somos um só”. De fato, a criança “ainda não é capaz de usar sua vontade, nem pode amar nada além do seio e do rosto de sua querida mãe”. É um modelo de abandono à vontade de Deus:

Ele não pensa em querer estar de um lado ou de outro e não deseja nada mais do que estar nos braços de sua mãe, com quem ele acha que forma uma coisa só; nem se importa em conformar sua própria vontade à de sua mãe, porque ele não a percebe, nem se importa em tê-la, e deixa que sua mãe se mova, faça e decida o que ela acha que é bom para ele.

Francisco de Sales também afirmou que as crianças não riem antes do quadragésimo dia. Somente depois de quarenta dias elas riem, ou seja, são consoladas, porque, como diz Virgílio, “só então começam a conhecer sua mãe”.

O pequeno Francisco não foi desmamado até novembro de 1569, quando tinha dois anos e três meses de idade. Nessa idade, ele já havia começado a andar e a falar. Aprender a andar acontece progressivamente e muitas vezes as crianças caem no chão, o que não é nada grave, porque “enquanto sentem a mãe segurando-as pelas mangas, elas caminham rapidamente e vagueiam por aqui e por ali, sem se surpreenderem com os tombos que suas pernas inseguras as fazem levar”. Às vezes, é o pai que observa seu filho, ainda fraco e inseguro, enquanto ele dá os primeiros passos, e lhe diz: “não tenha pressa, meu filho”; depois, se ele cair, ele o encoraja dizendo: “deu um salto, é sábio, não chore”; então ele se aproxima e lhe dá a mão.

Por outro lado, aprender a andar, assim como a falar, acontece por imitação. É “à força de ouvir a mãe e de balbuciar com ela” que a criança aprende a falar o mesmo idioma.

Aventuras e brincadeiras na infância

A infância é a época da descoberta e da exploração. O pequeno Saboiano observava a natureza ao seu redor e ficava encantado com ela. Em Sales, na encosta das montanhas a leste, tudo é grandioso, imponente, austero; mas ao longo do vale, ao contrário, tudo é verdejante, fértil e agradável. No castelo de Brens, no Chablais, onde provavelmente ficou várias vezes entre os três e os cinco anos de idade, o pequeno Francisco pôde admirar o esplendor do Lago Lemano. Em Annecy, o lago cercado por colinas e montanhas nunca o deixou indiferente, como mostram as numerosas imagens literárias da navegação. É fácil perceber que Francisco de Sales não era um homem nascido na cidade.

O mundo dos animais, naquela época ainda tão presente em castelos, vilas

e até cidades, é um encanto e uma fonte de instrução para a criança. Poucos autores falaram sobre isso tão abundantemente quanto ele mesmo. Muitas de suas informações (muitas vezes lendárias) foram extraídas de suas leituras; no entanto, a observação pessoal deve ter contado bastante, por exemplo, quando ele escreve que “a aurora faz o galo cantar; a estrela da manhã alegra os doentes, convida os pássaros a cantar”.

O pequeno Francisco considerou longamente e admirou o trabalho das abelhas, observou e ouviu atentamente as andorinhas, as pombas, a galinha choca e as rãs. Quantas vezes ele teve de assistir à alimentação dos pombos no pátio do castelo!

Acima de tudo, a criança precisa manifestar seu desejo de crescer por meio da brincadeira, que também é a escola da convivência e uma forma de se apropriar do ambiente ao seu redor. Será que Francisco brincava de balançar em cavalos de madeira? De qualquer forma, ele conta em um de seus sermões que “as crianças se balançam em cavalos de madeira, chamam-nos de cavalos, relincham para eles, correm, pulam, divertem-se com essa diversão infantil”. E aqui está uma lembrança pessoal de sua infância: “Quando éramos crianças, com que cuidado juntávamos pedaços de telhas, de madeira, de barro para construir casinhas e prédios minúsculos! E se alguém as destruía, nos sentíamos frustrados e chorávamos”.

Mas a descoberta do mundo circunstante nem sempre acontece sem riscos e aprender a caminhar traz surpresas. Às vezes, o medo é um bom conselheiro, especialmente quando há um risco real. Se as crianças virem um cachorro latindo, “elas imediatamente começam a gritar e não param até que estejam perto da mãe. Em seus braços, elas se sentem seguras e, enquanto apertam sua mão, acham que ninguém pode fazer-lhes mal”. Às vezes, porém, o perigo é imaginário. O pequeno Francisco tinha medo do escuro, e aqui está como ele foi curado de seu medo do escuro: “Pouco a pouco, esforcei-me para ir sozinho, com meu coração armado apenas com a confiança em Deus, a lugares onde minha imaginação me assustava; no final, fiquei tão corajoso que considerava agradáveis a escuridão e a solidão da noite, por causa dessa presença de Deus, que em tal solidão se torna ainda mais desejável”.

A educação familiar

A primeira educação coube à mãe. Uma intimidade excepcional foi estabelecida entre a jovem mãe e seu filho primogênito. Dizia-se que ela gostava de acariciar o filho, que, além disso, era muito parecido com ela. Ela preferia vê-lo vestido como pajem em vez de em trajes esportivos. A mãe cuidava de sua educação religiosa e, preocupada em ensinar-lhe seu “pequeno credo”, levava-o

consigo à igreja paroquial de Thorens.

Por sua vez, o menino experimentava todo o afeto de que era objeto, e a primeira palavra da criança era esta: “Meu Deus e minha mãe, me amam muito”. “O amor das mães para com seus filhos é sempre mais terno do que o dos pais”, escreveria Francisco de Sales, porque, em sua opinião, “Ihes é mais difícil”. De acordo com uma testemunha, era ele quem às vezes consolava sua mãe em seus momentos de melancolia, dizendo-lhe: “Recorramos ao bom Deus, minha boa mãe, e ele nos ajudará”.

Com seu pai, ele começou a aprender um “espírito justo e razoável”. Ele o fez entender a razão do que lhe era pedido, ensinando-o a ser responsável por seus atos, a nunca mentir, a evitar jogos de azar, mas não os de destreza e inteligência. Ele certamente ficou muito satisfeito com a resposta que o filho lhe deu quando, de repente, ele lhe perguntou no que estava pensando: “Meu pai, eu penso em Deus e em ser um homem de bem”.

Para fortalecer seu caráter, seu pai lhe impôs um estilo de vida viril, evitando os confortos corporais, mas também jogos ao ar livre com seus primos Amé, Luís e Gaspar. Acima de tudo, Francisco passou sua infância e juventude com eles, nas brincadeiras e no internato. Ele aprendeu a andar a cavalo e a manejar armas de caça. Ele também recebeu meninos do vilarejo como companheiros, mas cuidadosamente escolhidos.

Habitualmente um menino sábio e quieto, Francisco, no entanto, manifestava surpreendentes acessos de raiva em determinadas circunstâncias. Na ocasião da visita de um protestante ao castelo da família, ele deu vazão à sua animosidade contra as galinhas, que ele começou a espancar, gritando com toda a sua voz: “Vamos! Vamos! Ataquem os hereges!” Serão necessários tempo e esforço para se converter à “gentileza salesiana”.

Entrada na escola

Aos seis ou sete anos de idade, a criança atinge o uso da razão. Para a Igreja, ela agora tem a capacidade de discernir o bem e o mal e, para os humanistas, pode começar a frequentar a escola primária. Essa é a idade em que as crianças de famílias nobres geralmente passam das mãos das mulheres para as dos homens, da mãe para o pai, da governanta para o tutor ou preceptor. A idade da razão também marcava, para uma pequena minoria de crianças, a entrada em uma escola ou em um internato. Agora Francisco demonstrava notável disposição para estudar; na verdade, tanta impaciência que implorava para ser mandado para a escola sem demora.

Em outubro de 1573, Francisco foi enviado para o internato em La Roche, na

companhia de seus primos Amé, Luís e Gaspar. Com a tenra idade de seis anos, Francisco foi separado de sua família. Ficará lá por dois anos para fazer sua “pequena escola de gramática”. As crianças alojadas na cidade, colocadas sob a supervisão de um pedagogo específico, misturavam-se durante o dia à massa de trezentos alunos que frequentavam o internato. Um empregado da família cuidava especialmente de Francisco, que era o mais novo.

De acordo com o que sabemos das escolas da época, as crianças começavam a ler e escrever, usando silabários e os primeiros elementos da gramática, a recitar orações e textos selecionados de cor, a aprender os rudimentos da gramática latina, as declinações e conjugações dos verbos. O compromisso com a memória, ainda muito dependente do método didático em uso, concentrava-se sobretudo em textos religiosos, mas já se enfatizava a qualidade da dicção, um traço característico da educação humanista. Em termos de educação moral, que então ocupava um lugar importante na educação humanista dos alunos, ela tomava seus modelos emprestados mais da antiguidade pagã do que dos autores cristãos.

Desde o início de seus estudos no colégio de La Roche, Francisco se comportou como um excelente aluno. Mas esse primeiro contato com o mundo escolástico pode tê-lo deixado com algumas lembranças menos agradáveis, como ele mesmo disse a um amigo. Será que nunca lhe aconteceu de faltar involuntariamente à escola e ficar “na situação em que às vezes se encontram os bons alunos que, tendo chegado atrasados, gazearam certas aulas”?

Eles certamente gostariam de voltar ao horário obrigatório e reconquistar a benevolência de seus professores; mas, oscilando entre o medo e a esperança, não conseguem decidir a que horas comparecer diante do professor irritado; devem evitar sua raiva atual sacrificando o perdão esperado, ou obter seu perdão, expondo-se ao risco de serem punidos? Em tal hesitação, o espírito da criança deve se esforçar para discernir o que é mais vantajoso para ela.

Dois anos depois, ainda com seus primos, ei-lo no internato de Annecy, onde Francisco estudará por três anos. Com seus primos, ele ficou na cidade com uma senhora, a quem chamava de tia. Depois dos dois anos de escola de gramática em La Roche, ele entrou no terceiro ano de estudos clássicos e fez um rápido progresso. Entre os exercícios usados no colégio estavam as declamações. O garoto se destacava nelas, “porque tinha um porte nobre, um belo físico, um rosto atraente e uma voz excelente”.

Parece que a disciplina era tradicional e severa, e sabemos que um regente se comportava como um verdadeiro disciplinador. Mas a conduta de Francisco não

deixava nada a desejar; um dia ele mesmo pediria para ser castigado no lugar de seu primo Gaspar, que chorava de medo.

O evento religioso mais importante para uma criança era a Primeira Comunhão, o sacramento pelo qual “nos unimos e nos juntamos à bondade divina e recebemos a verdadeira vida de nossas almas”. Como ele diria mais tarde sobre a comunhão, ele havia preparado “seu pequeno coração para ser a morada d’Aquele” que queria “possuí-lo” por inteiro. No mesmo dia, ele recebeu o sacramento da confirmação, o sacramento pelo qual nos unimos a Deus “como o soldado com seu capitão”. Naquela ocasião, seus pais lhe deram o P. João Déage como tutor, um homem rude, até mesmo colérico, mas totalmente dedicado ao seu aluno, a quem ele acompanharia durante toda a sua formação.

No limiar da adolescência

Os anos da infância e da meninice de Francisco na Saboia deixariam uma marca indelével nele, mas também despertarão em sua alma os primeiros germes de uma vocação particular. Empenhado em dar aos outros um bom exemplo com discipulação, ele intervinha com seus companheiros com iniciativas apropriadas. Ainda muito jovem, gostava de reuni-los para ensinar-lhes a lição de catecismo que estava aprendendo. Depois dos jogos, ele às vezes os levava para a igreja em Thorens, onde eles haviam se tornado filhos de Deus. Nos dias de férias, ele os levava para passear nos bosques e à beira do rio para cantar e orar.

Mas sua formação intelectual estava apenas começando. Ao final de três anos no internato em Annecy, ele sabia tudo o que a Saboia poderia lhe ensinar. Seu pai decidiu mandá-lo para Paris, a capital do conhecimento, para torná-lo um “erudito”. Mas para qual colégio interno ele deveria enviar um filho tão talentoso? Sua escolha foi primeiro o colégio Navarre, frequentado pela nobreza. Mas Francisco interveio de forma inteligente com a ajuda de sua mãe. Diante da insistência do filho, o pai finalmente concordou em mandá-lo para o internato dos padres jesuítas em Clermont.

Significativamente, antes de partir, Francisco pediu para receber a tonsura, uma prática ainda permitida na época para meninos destinados a uma carreira eclesiástica, o que, no entanto, não deve ter agradado seu pai, que não desejava uma vocação eclesiástica para seu filho primogênito.

Tendo chegado ao limiar da adolescência, o menino começou uma nova etapa em sua vida. “A infância é linda”, ele escreveria um dia, “mas querer ser sempre uma criança é fazer uma escolha errada, porque uma criança de cem anos é desprezada. Começar a aprender é muito louvável, mas aquele que começa com a intenção de nunca se aperfeiçoar, estaria agindo contra a razão”. Depois de

receber na Saboia os germes desses “múltiplos dons da natureza e da graça”, Francisco encontrará em Paris grandes oportunidades para cultivá-los e desenvolvê-los.